

**DESTAQUES
DO PORTAL
A TARDE**



Dbrulgção

Festival de Itaparica terá Baiana System e Zeca Baleiro
atarde.com.br/cultura

PF desmonta esquema de venda de gabaritos de concurso
atarde.com.br/concursos

www.atarde.com.br
71 3340-8991
(Cidadão Reporter)
71 99601-0020
(WhatsApp)

EDITORIAL Êxodo estudantil

Ao mesmo tempo em que serve para potencializar a experiência acadêmica e incrementar o currículo a partir de uma formação sólida e diferenciada, o êxodo de estudantes brasileiros ao exterior tem se tornado um caminho para se garantir, logo cedo, a desvinculação de uma realidade difícil no Brasil.

A crescente violência e o medo de ser parte das estatísticas criminais como vítimas, o desemprego que medeia alguma do governo parece diminuir, e a consequente falta de incentivo à ciência nacional, sem amparo devido ao sucateamento de muitas universidades, são re-

ferências para entender por que cerca de 62.800 estudantes trataram de iniciar a jornada rumo ao trabalho formal em outro país. O número é 50% maior do que a debandada verificada em 2015.

Garantir a qualidade do aprendizado,

Violência, desemprego e falta de incentivo à ciência explicam a saída de estudantes rumo ao exterior

no entanto, está burocraticamente distante da confirmação em se estabelecer moradia fora do Brasil. Países europeus, Estados Unidos e Austrália, por exemplo, são rígidos para aprovar o visto de permanência e de trabalho, porque isso significa dar ao brasileiro os mesmos direitos do nativo – apesar de absurdos, os ataques de raiva contra imigrantes mundo afora dão indícios de como esta questão existe na prática em terras internacionais e mesmo nas fronteiras brasileiras.

A perspectiva de frustração e de mudança repentina de planos para o regresso devem estar também na ponta do

lápiz e no consciente para embarcar numa graduação no exterior. Além de títulos e um currículo grandioso, o mercado de trabalho quer indivíduos com ansia de se esforçar e mostrar afinidade com o ofício; o talento e a sensibilidade são sempre requisitos avançados, no Brasil ou no exterior.

Este mecanismo operado quase que exclusivamente por estudantes da classe A precisa motivar os governos federais e estaduais a repensar a educação, com aprimoramento do ensino bilingue e o tratamento de um conteúdo que comunica a sala de aula com o mundo.

BRUNO AZIZ



Açodado

José Carlos L. Poroca

Executivo do segmento de shopping centers
jcporoca@uol.com.br

Nos meus textos, não todos, sempre faço referência a filme(s). Não há uma origem única para o fato; a principal é a apaixonada admiração que este artesão tem pela 7ª arte. Pego o gancho, a propósito de viagem que fiz a uma edificação numa capital brasileira. Lá, vi a plaquinha que, presumo, deve ter sido afixada para a inauguração. Aparecem data e nomes de ilustres gatos-pingados, que investiram e edificaram o empreendimento. Por outro lado, os créditos nos filmes: além do diretor, produtor, roteirista e atores, um sem-número de contribuições se destaca: o motorista, o eletricitista, o moço que segurou a claquete. Sem eles, o filme não existiria.

O filme da vez é "Dunkirk" (Dunquerque), de 1958, de Leslie Norman. Há outro, mais recente (2015), de outro diretor. Baseado numa história real, ocorrida em 1940, conta o esforço que foi desenvolvido para salvar tropas aliadas que estavam acuada. A ação coletiva salvou a vida de milhares de pessoas: mais de 300 mil – é o que se conta. Há quem diga que o episódio foi o divisor de águas no conflito mundial que destruiu milhões de vidas, e componentes como solidariedade, entendimento do bem comum e força de vontade foram indispensáveis para o sucesso da ação.

Há versão que não desmerece o feito, mas que coloca um "é verdade?" para azedar o enredo. Alguns estrategistas dizem que Adolf decidiu dar uma paradinha no avanço por aquelas bandas, o que permitiu uma articulação mais ampla e envolvimento maior dos seus inimigos (nós) e o final do filme. A tal paradinha do ditador foi provocada por estratégias onde prevalecia um olho maior (o "olho grande" – que nem sempre enxerga o que é visível), enfraquecendo o lado nazista (quase 400 aviões foram derubados) na costa norte francesa.

Não há dúvida de que esse esforço e união estariam comprometidos nos atuais tempos estranhos, onde os smartphones são utilizados a torto e a direito – para o bem ou para o mal –, muitas vezes sem critério, com acodamento e irresponsabilidade. Tudo anda e gira de modo estabonado, com pouca sensibilidade em todos os ângulos. No país, "acham" uma mixaria num ape, mas não conseguem ver a trilha percorrida por esse troco. Incluem uma fortuna como dotação orçamentária para um tal de fundo partidário, mas não conseguem acabar com a maior favela do país, que fica a poucos quilômetros da casa. Algo está fora de ordem.

Por essas e outras, estou decidido: vou deixar o país e já escolhi duas opções: os países de Passárgada ou Maracangalha, com ligeira inclinação para o segundo. No primeiro, serei amigo do rei, mas não sei quem será o sucessor; no segundo, poderei ir com ou sem Anália, não pedem gravata nem passaporte. Pelo visto, uma esculhambação organizada. Que nem o Brasil.

Urbano caboclo

Angelo Serpa

Professor titular da Ufba e pesquisador do CNPq
angerpa@ufba.br

utopia de uma sociedade que

transformasse os centros urbanos em lugares de encontro, reunião e solidariedade, preconizada por Henri Lefebvre, está longe de se realizar em nossas cidades. Em Salvador, processos de especulação e valorização se manifestam com uma intensidade tal que, nos últimos anos, é quase impossível imaginar a emergência deste urbano mais justo e acessível a todos os soteropolitanos.

O direito a esta outra cidade, onde o valor de uso prevaleça sobre o valor de troca, e a justiça sobre as imensas e inegáveis desigualdades, ainda é uma utopia, mas há também aqueles que resistem às operações de requalificação. Tais operações nada mais são, na maior parte dos casos, que a refuncionalização de formas urbanas para usufruto de quem pode pa-

gar pelo acesso à cidade.

Um exemplo de resistência é a Vila Coração de Maria, no bairro Dois de Julho. Conforme matéria publicada em A TARDE, se aproxima de um desfecho a disputa de uma década entre os locatários da Vila e a Irmandade São Pedro dos Clérigos, proprietária dos imóveis, após a realização de uma audiência de conciliação entre as duas partes. Em uma próxima audiência deverão ser acertados os termos da venda, com a possibilidade de financiamento pela Caixa Econômica Federal.

Segundo os moradores, a Irmandade pretendia vender as casas para uma empreiteira e não negociava com os locatários. A Vila, erigida no século XIX, está em uma zona especial de interesse social (Zeis) do Plano Diretor de Salvador, o que abre a possibilidade de acesso a programas de habitação social aos locatários, que desenvolvem há anos atividades culturais e de cunho político-ambiental no Centro Antigo de Salvador, até bem pouco tempo liderados por Ivana Chastinet. A

atriz e diretora teatral, falecida em agosto, encabeçou durante anos o movimento pela permanência dos locatários da vila. São inquestionáveis sua participação caracterizada como cabocla nos desfiles do 2 de Julho, sua militância inteligente e lúdica no movimento Nosso Bairro é 2 de Julho, bem como no processo de elaboração do PDDU de Salvador.

Como Lefebvre, Ivana acreditava em outra cidade, com mais transparência e participação, e sua militância não prescindia de arte e ludicidade. Em entrevista a Marcelo Coelho, em janeiro, ela declarou que quando se apresentava como Coletivo da Vila, Nosso Bairro é 2 de Julho ou Articulação do Centro Antigo, o lúdico "a habitava". A cena e a performance constituíam em seu corpo um "território" e, quando falava de gentrificação, desafetação, desapropriação ou demolição, as artes cênicas e os ativismos estavam "atravessados". Era uma artista e militante em defesa de um urbano genuinamente caboclo e popular.

Deixou saudades!

A TARDE

Fundado em 15/10/1912

Conselho de Administração

Presidente: RENATO SIMÕES

Vice-Presidente: VERA MAGDALENA SIMÕES

Diretor Geral: ANDRÉ BLUMBERG
Diretora de Redação: MARIANA CARNEIRO
Diretor de Operações: CLEBER SOARES
Diretor Controlador: DILSON SANTIAGO
Gerente Industrial: ELIO PEREIRA



SEDE: RUA PROFESSOR MILTON CÁPES DE BRITO, Nº 204, CAMARÃO DAS ÁRVORES, CEP: 41845-210, SALVADOR/BA. BALE COM A REDAÇÃO (71)340-8800. (71)340-8900. FAX: (71)340-8720 OU (71)340-8711. DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 6:30 À MEIA-NOITE. SÁBADOS, DOMINGOS E FÉRIAS: DAS 9:00 ÀS 21 HORAS. SUGESTÃO DE PÁGUA: CIDADÃO/REPORTER@GMAIL.COM. PÁGUA: (71)340-8991. CLASSIFICADOS POPULARES: (71)333-0855. CIRCULAÇÃO: (71)340-8612. CENTRAL DE ASSINATURA: (71)333-0850.